Boletim Paulista de Geografia

AGB SÃO PAULO DESDE 1934

Dossiê
Geografia e Marxismo

O potencial do materialismo dialético para a pesquisa em Geografia

Gabriel Souza Alves

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo, São Paulo, Brasil.
gabrielsouzaalves@usp.br



Boletim Paulista de Geografia

Ano: 2026

N°: 116

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

O potencial do materialismo dialético para a pesquisa em Geografia

Resumo

O trabalho adiante explora o potencial de método do materialismo dialético de Karl Marx para a pesquisa em geografia a partir do movimento que o autor estabelece entre seu modo de investigação, presente em *Grundrisse*, e seu modo de exposição, apresentado em O capital: crítica da economia política. Por meio da retrodução, o autor se empenha em situar os conteúdos da prática social capitalista em uma correlação com o sentido abstrato que orienta a produção e a circulação do capital, organizando-o em diferentes níveis de abstração. Diante disto, observam-se os desafios e possibilidades que este método proporciona para os geógrafos que analisam o curso da realidade capitalista. Neste escopo, novas determinações, eminentemente espaciais, são produzidas, assim como suas mistificações práticas, possibilitando que a geografia atualize a compreensão do encadeamento das abstrações concretas no capitalismo atual.

Palavras-chave: Materialismo dialético; Método; Geografia; Níveis de abstração, Mistificação.

The methodological potential of dialectical materialism for research in Geography

Abstract

The present work explores the potential of Karl Marx's dialectical materialism as a method for research in geography, focusing on the movement the author establishes between his mode of investigation, found in the *Grundrisse*, and his mode of exposition, presented in Capital: A Critique of Political Economy. Through retroduction, the author seeks to situate the contents of capitalist social practice in correlation with the abstract logic that guides the production and circulation of capital, organizing it across different levels of abstraction. In this light, the challenges and possibilities that this method offers to geographers analyzing the course of capitalist reality are examined. Within this scope, new determinations, eminently spatial in nature, are produced, as well as their practical mystifications, enabling geography to update the understanding of the articulation of concrete abstractions in contemporary capitalism.

Keywords: Dialectical materialism; Method; Geography; Levels of abstraction; Mystification.

El potencial metodológico del materialismo dialéctico para la investigación en Geografía

Resumen

El presente trabajo explora el potencial metodológico del materialismo dialéctico de Karl Marx para la investigación en geografía, a partir del movimiento que el autor establece entre su modo de investigación, presente en los *Grundrisse*, y su modo de exposición, presentado en El capital: crítica de la economía política. Mediante la retroducción, el autor se esfuerza por situar los contenidos de la práctica social capitalista en una correlación con el sentido abstracto que orienta la producción y la circulación del capital, organizándolos en diferentes niveles de abstracción. Ante ello, se observan los desafíos y las posibilidades que este método ofrece a los geógrafos que analizan el curso de la realidad capitalista. En este marco, se producen nuevas determinaciones, eminentemente espaciales, así como sus mistificaciones prácticas, lo que permite que la geografía actualice la comprensión del encadenamiento de las abstracciones concretas en el capitalismo actual.

Palabras-clave: Materialismo dialéctico; Método; Geografía; Niveles de abstracción; mistificación.

Introdução

O presente texto é um esforço de reflexão acerca da potência do método de Karl Marx (2013; 2014; 2017) para as pesquisas em Geografia, particularmente aquele desenvolvido no decorrer da elaboração de *O capital: crítica da economia política*, designado aqui de materialismo dialético. Diferente daquelas perspectivas que buscam mobilizar seu método enquanto um conjunto previsível de procedimentos e resultados, o que se busca é a apreensão de como o autor mobilizou teoria e método de maneira interligada, pois são produtos de um mesmo movimento, que vai da investigação (modo de investigação) à uma exposição pertinente das determinações capitalistas apreendidas (modo de exposição).

A nomeação do método construído por Marx não é uma tarefa óbvia, pois ao passo em que o autor designou o mesmo como *dialético*, não houve foi feita uma derivação a partir de uma única palavra ou uma nomenclatura para fins de diferenciação com a perspectiva de Friedrich Hegel. No entanto, Marx o fez à sua maneira, como será observado adiante no texto, e o adjetivo *materialista* advém tão somente de uma passagem em que o mesmo resgata e se diferencia de Hegel: "para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem" (Marx, 2013, p. 90). Ou seja, o imprescindível é não assumir o mesmo enquanto: a) algo aplicável ou capaz de explicar todo e qualquer fenômeno, descontextualizando-o de seu objeto (o capital); b) algo deslocado dos processos que conformam a subjetividade humana. O referido materialismo, então, não é uma predileção por certo aspecto formal do mundo, mas sobretudo uma maneira de diferenciação do método a partir de sua questão orientadora (Grespan, 2002, p. 27-35).

O termo *pertinente* é empregado aqui com o intuito de contemplar um aspecto concreto e prático daquilo que foi pesquisado por Marx: o caráter contraditório e mistificado das relações sociais que produzem o capitalismo. A partir de práticas sociais concretas, mas carregadas de abstrações oriundas do processo de valorização, a contradição capitalista constantemente reaparece em diferentes momentos e dimensões da vida em sociedade, tornando complexo seu entendimento. Todavia, antes de estar situada no campo do entendimento, a complexidade é produzida e vivida enquanto realidade, pois é dela que parte o problema a ser investigado.

A Geografia, por sua vez, tem se reproduzido enquanto um dos muitos compartimentos da ciência moderna, a partir de problemas e epistemologias próprias e ocupando determinadas funções no curso do capitalismo, contribuindo com sua reprodução. De antemão, deve-se considerar que "seria absurdo reconhecer nos fundadores do materialismo histórico os precursores da geografia [...], [e] é absurdo pensar na obra de Marx em função de uma fragmentação da ciência que se desenvolveu principalmente em fins do século XIX" (Quaini, 1979, p. 50).

Ainda que a relação não seja imediata, contudo, o pensamento de Marx segue pujante em sua capacidade de explicitar a realidade atual, uma vez que esta última segue sendo orientada por processos de valorização do capital. O que significa a existência de um arcabouço analítico muito pertinente para os geógrafos compreenderem as mediações sociais mobilizadas pelo capitalismo em sua produção e reprodução espacial. O materialismo dialético não se opõe necessariamente ao método da geografia, pois incorre em compreender conteúdos abstratos que necessariamente se desenvolvem e adquirem morfologias que concretamente constituem o espaço social.

Compete aos pesquisadores, portanto, a validação ou não da pertinência do método de Marx para sua problemática particular, conforme esta última se aproxima ou não dos processos mobilizados pelo capital. Uma vez que se reconheça a pertinência de uma busca pela compreensão das contradições capitalistas, os geógrafos precisam lidar com o fato de estarem diante de uma realidade com determinações mais ampliadas do que as da época de Marx, a partir do desenvolvimento capitalista de novas complexidades e aprimoramentos funcionais em seu movimento de valorização (Bonente, 2016).

Para aprofundar a discussão acerca do método, o texto se aprofunda em duas partes. Na primeira, itens 2 e 3, aborda-se o nexo entre o modo de investigação e o modo de exposição presentes no método de Marx, evidenciando como isso resultou num encadeamento de determinações que perpassa diferentes níveis de abstração. Na segunda, no item 4, são observadas algumas imprecisões categoriais que indicam certo subaproveitamento do método materialista dialético, mas que apontam para os esforços da geografia em desvendar as atualizações capitalistas dos processos socioespaciais investigados.

Foi estabelecido um diálogo bibliográfico com autores fora da Geografia, mas identificados com o debate de método de Marx. Pois estes nos auxiliam no reconhecimento da necessidade de se ler *O capital* de maneira integral, direta e atenta para com a forma da redação. Ainda que exista diferenças entre os mesmos, como Mario Duayer e Jorge Grespan, reconhece-se aqui uma influência comum do *realismo crítico* elaborado por Roy Bhaskar (2008 [1975]). Por meio de uma crítica à premissa de uma clareza entre procedimento, resultado e conclusão científica sobre o real, Baskhar ressalta a capacidade dos processos socias de inviabilização ou ocultação das evidencias acerca de seu próprio funcionamento.

Se, por um lado, o método do Marx nos ajuda a desvendar o modo como as relações capitalistas produzem suas mistificações; por outro, a forma social analisada pelo autor persiste se aprimorou e persiste até os dias de hoje. Isso de modo algum deve significar uma desistência da investigação, mas sim seu amadurecimento por meio de uma leitura crítica sobre o espaço social. Nestes termos, Henri Lefebvre é indispensável na admissão de conteúdos especificamente espaciais dentro da dialética promovida pelas relações capitalistas – designadas por ele de contradição do espaço. Neste, tanto a ocultação quanto a relação entre prática e totalidade social foram reconhecidos como processos de constituição de um espaço global (Lefebvre, 2013, p. 329-451).

Na Geografia brasileira, a perspectiva lefebvreana foi acurada por pesquisas e leituras que se debruçaram sobre o urbano enquanto momento decisivo da reprodução do capital, como é possível se verificar em Ana Fani Alessandri Carlos (2018). Defende-se aqui, portanto, que o potencial do materialismo dialético está em fundamentar e orientar problemas de pesquisa que reconhecem a inseparabilidade entre as particularidades e a totalidade da reprodução do capital. Mas que, para isto, é preciso se aprofundar no entendimento de como as categorias capitalistas conformam a complexidade social que se impõe espacialmente.

Marx, a investigação das determinações capitalistas e sua exposição por meio de níveis de abstração

Antes de adentrar em considerações sobre o método em si e seu movimento em *O capital: crítica da economia política*, é necessário se ter as devidas cautelas, pois o próprio autor

não chegou a discorrer extensamente e com detalhes sobre o mesmo. O que se tem de mais explícito neste quesito se encontra em: i) prefácio da primeira edição de O capital: livro I; ii) posfácio da segunda edição de *O capital: livro I*; iii) a chamada *Introdução de 1857*, publicada em *Grundrisse*.

As dificuldades mencionadas nos colocam diante de um caminho alternativo: mais do que nunca é o elo entre teoria e método e, portanto, a leitura integral dos três livros de O capital, e de seus rascunhos (*Grundrisse*), que permite a assimilação do caminho investigativo percorrido por sua crítica da economia política. O modo de expor os resultados de sua análise, como salienta ele mesmo[1], difere do seu respectivo modo de investigação, uma vez que é pela exposição que o mesmo busca uma compreensão adequada dos conteúdos então descobertos. No prefácio da primeira edição do Livro I, o autor avalia ser necessário partir de formas mais abstratas do valor para então compreender as demais formas que aparecem na prática social de uma sociedade capitalista, vejamos.

> Todo começo é difícil, e isso vale para toda ciência. Por isso, a compreensão do primeiro capítulo, em especial da parte que contém a análise da mercadoria, apresentará a dificuldade maior. No que se refere mais concretamente à análise da substância e da grandeza do valor, procurei popularizá-las o máximo possível. A forma de valor, cuja figura acabada é a forma-dinheiro, é muito simples e desprovida de conteúdo. Não obstante, o espírito humano tem procurado elucida-la em vão há mais de 2 mil anos, ao mesmo tempo que obteve êxito ainda que aproximado, na análise de formas muito mais complexas e plenas de conteúdo. [...] Desse modo, com exceção da seção relativa à forma do valor, não se poderá acusar esta obra de ser de difícil compreensão. (Marx, 2013, p. 77-8)

Seu modo de exposição, portanto, preocupa-se com o fato de iniciar sua análise do capital a partir de categorias mais *simples*, no sentido de que são pressupostos necessários compreensão das complexidades mobilizadas pelo processo de valorização. Para Marx, a categoria que menos depende de outras formas capitalistas para ser entendida e que se envolve num patamar de menor complexidade seria a mercadoria, pois "[...] a forma de valor da mercadoria, constitui a forma econômica celular" (Marx, 2013, p. 78). Este aspecto de seu método pode conter uma dificuldade inicial de apreensão, mas também é capaz de conceder

[1] "Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [Stoff] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexo inteiro. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real" (Marx, 2013, p. 90).

maiores facilidades no desenrolar da leitura, conforme se avança pela exposição das outras determinações.

Entendido a relevância do modo de expor os conteúdos de sua investigação sobre o "[...] modo de produção capitalista e suas correspondentes relações de produção e de circulação" (Marx, 2013, p. 78), pode-se seguir para outra indagação: como ele investigou? Algumas pistas importantes aparecem em *Grundrisse* e ali se percebe que não se trata de concebê-lo como um receituário de procedimentos ou modelo que subordina a realidade concreta aos seus preceitos ideais. O que Marx desenvolveu em termos de método foi: i) uma crítica ontológica aos autores da Economia Política; ii) compreensão das categorias que sustentam e dão forma ao movimento do capital na sociedade moderna; iii) aprofundamento da concepção do real concreto enquanto síntese de múltiplas determinações.

A crítica de Marx não surge de uma epifania, ela é parte de uma vida em transformação, dedicada intensamente aos estudos, investigações, produções textuais e lutas políticas de sua época. Se levarmos em consideração a integralidade dos rascunhos e textos publicados durante todo o período de estudo da Economia Política e da elaboração de sua crítica[2], veremos que múltiplos autores foram basilares na trajetória de Marx e na formação de sua síntese, como Jean-Baptiste Say, Adam Smith, David Ricardo e James Mill (Musto, 2011, p. 35). Não é possível, portanto, aproximar-nos de seu modo de investigação e de suas descobertas sem considerar este contexto bibliográfico, importante para entender sua apropriação crítica.

No decorrer do amadurecimento de seu pensamento, Marx se dá conta de que o objeto de sua investigação é contraditório e, justamente por isto, recorre ao que ele designa de cerne racional[3] do pensamento dialético hegeliano (Marx, 2013, p. 91). É evidente que a crítica

[2] Tendo em vista a relevância do trabalho empreendido entorno da nova etapa da *Marx-Engels-Gesamtausgabe*, "[…] as pesquisas de Marx entre o período dos [Manuscritos econômico-filosóficos de 1844] e de [A ideologia alemã] e o período dos [Grundrisse] e em seguida entre os [Grundrisse] e vários rascunhos de O capital finalmente se tornaram acessíveis aos pesquisadores por meio da Mega2. Isso possibilitou que se seguisse diversos estágios intermediários da evolução de suas ideias tanto nos anos 1850 quanto após a publicação do primeiro volume de O capital, sugerindo uma interpretação mais crítica e aberta de sua teoria" (Musto, 2011, p. 60).

[3] "A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento. Nele, ela se encontra de cabeça para baixo. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico. […] Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na intelecção

ao modo hegeliano de enxergar a negação dialética a partir do espírito do mundo e da transformação da ideia em sujeito autônomo (Marx, 2013, p. 90) deve ser considerado. Contudo, de acordo com Jorge Grespan (2002), isto não se refere à uma simples substituição do "conteúdo" da dialética, de trocar um conteúdo idealista por um materialista. Trata-se de uma inversão em termos de método, que implica em mudanças no próprio modo como se dá a oposição entre os polos da negação dialética. Assim,

> [...]a própria contradição muda de figura, então, na dialética hegeliana. Inicialmente, ela aparece na oposição dos dois termos mutuamente negativos, que são 'em si' mesmo contraditórios. Eles incluem o outro como 'momento' e simultaneamente o excluem, como totalidade. São, cada qual, totalidades mutuamente excludentes. Na medida, porém, em que cada uma se determina somente através da negação da outra; [...] negar a outra é negar-se inteiramente, e não só parcialmente. (Grespan, 2002, p. 37).

Marx avança no reconhecimento de uma unilateralidade da oposição dialética, que deixa de ser necessariamente a negação entre duas totalidades, para dar lugar a uma contradição que exclui incluindo seu oposto, de modo assimétrico (Grespan, 2002, p. 38-9), uma subordinação concreta que ocorre na relação entre capital e trabalho. Uma vez que, "[...] mesmo tendo integrado a si a força de trabalho, chamando-a de capital (variável), o capital só pode obrigá-la a produzir para ele se reproduzir na esfera da produção o despojamento original, a desigualdade fundamental" (Grespan, 2002, p. 39). No outro polo da relação, sob o ponto de vista do trabalho, outra posição é estabelecida com esta totalidade dialética.

> Definido como o oposto do capital, o trabalho é 'posto como não-capital', isto é, trabalho não objetivado, vivo. 'Negativamente apreendido', ele é 'exclusão completa da riqueza objetiva', sendo despojado dos meios materiais para produzir, ao se defrontar com a 'riqueza objetiva' enquanto propriedade alheia que o domina. Daí que ele não possa também incluir e rebaixar o capital a seu momento, compondo ao seu lado uma totalidade (Grespan, 2002, p. 40).

O reconhecimento da referida contradição no seu objeto de investigação é justamente o que vai permitir que Marx vá além de uma crítica interna à ciência da Economia Política. A partir dessa relação objetiva entre capital e trabalho, o autor redefine seu argumento e torna mais preciso seu entendimento das categoriais da economia política discutidas pelos clássicos Adam Smith e David Ricardo[4]. Entretanto, aquilo que, para os leitores desatentos, pareceu

positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a intelecção de sua negação, de seu necessário perecimento" (Marx, 2013, p. 91).

[4] Ver os capítulos 10, 11 e 19 do Livro II de *O capital* (Marx, 2014).

figurar tão somente como mais uma opção de teoria econômica, foi na realidade uma crítica que reorientou o próprio significado do humano enquanto ser social, assim como da relação entre este último (sujeito) e o real a ser entendido (objeto).

> [...] essa estrutura crítica (ontológica) pode ser observada em diversos momentos da obra de Marx, em que ele parte da evidente plausabilidade empírica – e, por conseguinte, da eficácia operatória – das concepções cuja absurdidade demonstra para revelar relações de produção burguesas das quais são representação dos agentes dela cativos. (Duayer, 2016, p. 35-6)

Faz parte da crítica, portanto, compreender o absurdo das representações mistificadas a respeito das práticas sociais envolvidas no processo de reprodução capitalista – da formulação mais banal até a cientificamente legitimada. Marx o faz para que seja reconhecida a complexidade do problema, pois não basta elucidar a fonte de valorização que produz o capital, mas também como ocorre sua circulação e suas metamorfoses em diferentes momentos[5], auferindo lucro para diferentes frações capitalistas dentro do ciclo do capital total.

Segundo Duayer (2016, p. 34), há uma alteridade inconciliável entre o método de Marx e as epistemologias comumente encontrados no meio científico, de modo que as "disputas e controvérsias substantivas entre sistemas teóricos distintos não admitem resolução empírica". Pois, se consideramos que o caráter fetichista da mercadoria implica numa prática envolta por um "místico véu de névoa" (Marx, 2013, p. 154) que encobre as práticas que movem a valorização do valor, há uma configuração social que interfere diretamente nos processos de investigação operados pelos cientistas. Desprovidos da crítica sobre a dialética que incinde sobre a relação entre sujeito e objeto, o que se obtém empiricamente e de particularidades é tomado como fenômeno alheio à totalidade social e às relações mistificadoras. O que "significa sustentar que nossas ideiais mais fundamentais acerca do mundo sempre têm de estar abertas à crítica, caso contrário cristalizam em dogmatismo" (Duayer, 2016, p. 35).

O caminho argumentativo de Marx, no decorrer de *O capital*, revela que o mesmo buscou uma maneira adequada de considerar o real concreto, enquanto uma síntese de muitas

[5] Um exemplo destes diferentes momentos pode ser apreendido a partir da circulação do capital, presente na Seção I do Livro II, enquanto passagens de forma do valor: D [forma-dinheiro] – M [forma-mercadoria] (força de trabalho + meios de produção) … P [processo produtivo] … M' [forma-mercadoria de maior grandeza] – D' [forma-dinheiro de maior grandeza] (Marx, 2014, p. 107-200).

determinações . Isso se traduz, por sua vez, no caráter "processual" de sua investigação, ao considerar a dimensão *post festum* do empírico – conforme discernido no subcapítulo sobre o caráter fetichista da mercadoria[6]. Trata-se da constatação de que nenhum processo pode ser efetivamente investigado, em suas múltiplas determinações, sem que o mesmo já não tenha manifestado concretamente algumas de suas dimensões em um momento pretérito.

É possível, já neste ponto, afirmar que seja qual for o modo de investigação empregado, o objetivo da pesquisa é a compreensão do encadeamento de determinações que compõem um fenômeno em andamento. Enquanto objeto social, estamos falando necessariamente de práticas sociais de caráter finalístico e carregadas de intencionalidades, que é "[...] dependente crucialmente de uma figuração de mundo mais ou menos unitária e coerente [...]" (Duayer, 2016, p. 36) por parte de seus sujeitos. O encadeamento, apesar de complexo, já se encontra separado pela intelecção humana, num esforço de apreensão lógica pela dedução e indução, que servem de referência para a prática social.

A ciência, em hipótese, busca a superação da apreensão social mais superficial e apressada, por meio de um entendimento que se pretende validar por métodos fundamentados em paradigmas teóricos. No método de Marx, no entanto, pode-se considerar que a investigação só se completa quando a abstração deixa de ser ferramenta de aproximação e passa a evidenciar uma abstração concreta, no mesmo sentido atribuído por Henri Lefebvre (2013, p. 373-4), presente na prática social mediada pela mercadoria:

> [...] na análise das formas econômicas não podemos nos servir de microscópios nem de reagentes químicos. A força da abstração [Abstraktionskraft] deve substituir-se a ambos. Para a sociedade burguesa, porém, a forma-mercadoria do produto do trabalho, ou a forma de valor da mercadoria, constitui a forma econômica celular. (Marx, 2013, p. 78)

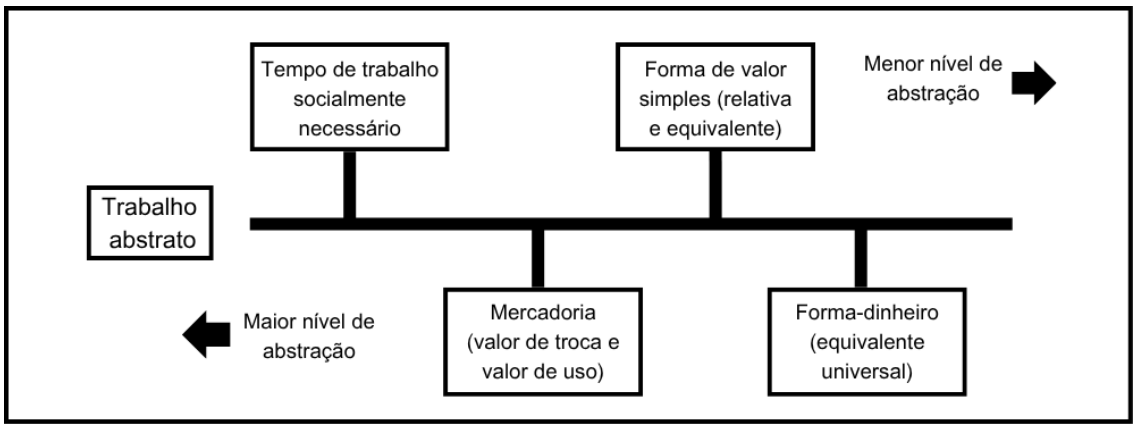
Quanto mais complexa é a realidade investigada, mais relevante se torna a força da abstração para uma exposição minuciosa da forma social em questão. Os níveis de abstração adquirem um sentido que vai do mais simples, em que apenas uma abstração é analisada, ao

[6] "A reflexão sobre as formas da vida humana, e, assim, também sua análise científica, percorre um caminho contrário ao do desenvolvimento real. Ela começa *post festum* [muito tarde, após a festa] e, por conseguinte, com resultados póstumos do processo de desenvolvimento. As formas que rotulam os produtos do trabalho como mercadorias, e, portanto, são pressupostas à circulação da mercadoria, já possuem a solidez de formas naturais da vida social antes que os homens procurem esclarecer-se não sobre o caráter histórico dessas formas – que eles, antes, já consideravam imutáveis –, mas sobre seu conteúdo" (Marx, 2013, p. 150).

mais complexo, em que múltiplas abstrações são consideradas concomitantemente. Neste sentido, a exposição vai se aproximando da forma como estas determinações se conjuga concretamente na realidade capitalista, considerando esta última como uma complexa síntese de múltiplas determinações que constantemente se repõem.

É possível acompanhar essa compreensão no próprio movimento argumentativo de Marx no decorrer do capítulo 1 do Livro I de *O capital*, no início do encadeamento a partir de categorias mais simples. Contudo, para sê-las concretamente, as mesmas se desdobram em categorias mais complexas. Marx inicia com o capítulo A *mercadoria*, no qual está situado o fundamento principal das abstrações praticadas na sociedade capitalista. Seu objetivo, logo de início, é a definição do valor da mercadoria, revelando que se trata de uma "substância social" designada de trabalho abstrato (Figura 01). Ademais, os diagramas a seguir possuem tão somente o objetivo de facilitar a visualização a respeito do sequenciamento do modo de exposição abordado; não devem e nem podem substituir a próprio processo de leitura, sob o risco de se incorrer em um reducionismo teórico.

Figura 01: Níveis de abstração a partir do Trabalho Abstrato



Fonte: Marx (2013). Elaboração própria.

A contradição fundamental para Marx está situada na negação dialética entre capital e trabalho, de modo que há nesta relação uma assimetria (Grespan, 2002, p. 41) em que somente o capital se configura enquanto totalidade social. Nesta condição, o ponto de partida para explica-lo não é o trabalho em si, mas sua forma objetivada, na qual é possível a apropriação do valor gerado pela separação entre o trabalho vivo e o saldo em mercadoria que

o mesmo gerou. Portanto, para que o trabalho seja valor neste modo de produção, transformado em trabalho abstrato, é necessário que seja pela intermediação da mercadoria.

Mesmo considerando o *trabalho abstrato* uma abstração simples, o mesmo só pode se viabiliza concretamente quando transmutado na forma-mercadoria. O que, por sua vez, é produzida na relação com o trabalho morto (meios de produção) socialmente estabelecido enquanto propriedade privada do capitalista. Assim sendo, para que o trabalho abstrato apareça como figura e medida do valor da forma-mercadoria, é imprescindível que o *tempo de trabalho* necessário esteja prescrito em sua relação com a forma *meios de produção*.

Marx abstrai, momentaneamente, das diferentes forças produtivas entre os capitais individuais, resumindo a média social no que ele designa de *tempo de trabalho socialmente necessário* (Marx, 2013, p. 117), tirando proveito de seu modo de exposição. Mesmo ao considera-las, contudo, a força produtiva do capitalista individual não basta, uma vez que a mesma precisa se efetivar pelas relações de troca, isto é, na comparação entre mercadorias. A partir disto, tem-se a primeira forma de expressão do trabalho abstrato no mercado, pois sua equivalência de valor é representada na forma de outra mercadoria distinta. O *valor de troca* é praticado a partir de uma igualdade de valor que se expressa numa proporção quantitativa entre suas mercadorias correspondentes (x quantias da mercadoria A = y quantias da mercadoria B). Ou seja, mesmo que o fenômeno comece no processo de trabalho, ele depende de uma comparação externa (social), que escapa de seu controle individual.

O desenvolvimento de uma mercadoria especial, com a função de mensurar o valor das outras mercadorias e de corresponder universalmente a extensa cadeia de equivalência é o passo seguinte que viabiliza o processo. Assim, Marx demonstra como se dá a função mais basilar da forma-dinheiro: o *equivalente universal*. O valor de uso desta mercadoria especial, consequentemente, é expressar oficialmente o valor de troca entre quaisquer mercadorias. Por conseguinte, finalmente se pode entender a sustentação mais simples da abstração, que fundamenta a circulação do capital e que serve de expressão monetária do trabalho abstrato.

Por mais que, neste movimento de exposição, tenha-se avançado de categorias mais simples, como o trabalho abstrato, para categoria mais complexas, como a função de equivalente universal da forma-dinheiro, há ainda uma variedade grande de determinações

ainda desconsideradas e que vão aparecendo no decorrer da obra. Pode-se enumerar alguns para fins de exemplificação: i) a função de meio de pagamento da forma-dinheiro (Marx, 2013, p. 208); ii) a possibilidade de as mercadorias não serem vendidas por seus respectivos valores, na forma preço(Marx, 2013, p. 233-241); iii) o tempo de rotação do capital (Marx, 2014, p. 353-390); iv) a disparidade de força produtiva entre os capitais individuais (Marx, 2017, p. 177-306).

A exposição do caráter mistificador da prática social no capitalismo

Não é necessário listar exaustivamente os elementos abstraídos logo no começo do argumento, uma vez que os reconhecemos durante a leitura completa de *O capital*. Conforme se avança no movimento argumentativo do autor, são apresentadas categorias mais próximas do encontro com as demais determinações que aparecem diante da realidade concreta de uma sociedade capitalista. As necessárias metamorfoses pelas quais o trabalho abstrato precisa transitar até ser concebido enquanto capital, discutidas no Livro II de *O capital*, trazem consigo contradições que envolvem, por sua vez, novas camadas do processo.

As crises de superprodução e subconsumo – decorrentes da interrupção do ciclo do capital –, descortinam, por exemplo, o fato do trabalho abstrato ser passível de apropriação pelo capital somente quando em circulação. Este movimento cíclico do capital precisa lidar com questões objetivas e problemas concretos para atravessar suas sucessivas metamorfoses, observadas no ciclo do capital-dinheiro, ciclo do capital-produtivo e ciclo do capital-mercadoria (Marx, 2014, p. 107-200).

Com a circulação geral do capital (D – M ...P... M' – D'), denota-se que a totalidade do valor advém de uma cadeia integrada e pretensamente ininterrupta de formas; além de divisões e especializações na escala do capital individual[7]. Sem ambos, não é possível conceber a existência do capital total, cujas práticas de custo de produção e taxa de lucro vão exigir um nível de abstração mais complexa na ordem da exposição. Ao mesmo passo, observa-se que o

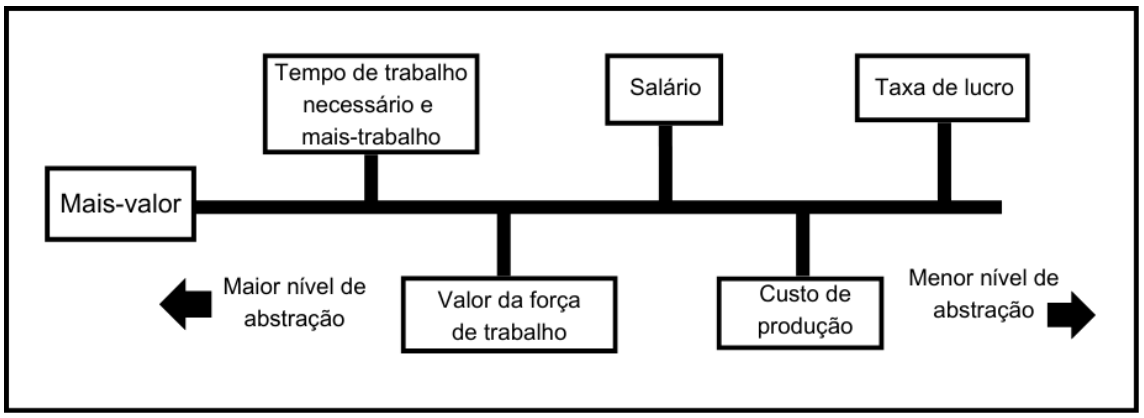
[7] O capital de comércio de mercadorias (Marx, 2017, p. 309-57), já presente no Livro II d'*O capital*, demonstra o papel dos agentes da circulação e sua remuneração pelo capital situado na produção, pois do primeiro depende a realização da forma-mercadoria (Marx, 2014, p. 206).

autor aborda o desenvolvimento de inversões mistificadoras no escopo da prática social, pois estas ocultam e confundem seus conteúdos. Marx reconstrói em seu modo de exposição também um movimento que busca aludir a dialética entre a objetividade e a subjetividade provocada pela prática capitalista, tratando-se de uma dialética entre o modo de apresentação [Darstellung] e o modo de representação [Vorstellung] capitalista (Grespan, 2019). Vejamos,

> [...] o capital 'se apresenta' na própria realidade social, de fato, como o criador das 'forças produtivas' que substancialmente provêm do trabalho; desse modo ele cria formas de prática econômica 'representadas' de maneira plástica em símbolos que os agentes percebem, ou 'representam' na sua imaginação, já na forma invertida pela 'apresentação' original das 'forças produtivas do trabalho [...] como forças produtivas do capital'.
>
> Mais do que uma simples superposição de sentidos, o que se observa nessa formulação é uma contraposição [dialética] entre Darstellung e Vorstellung. Marx dirá, por exemplo, que o dinheiro 'representa' o valor das mercadorias porque elas 'apresentam' nele seus valores (Grespan, 2019, p. 14).

O movimento que segue da *apresentação* para a *representação* ocorre no curso da mesma exposição, dentro do mesmo encadeamento de determinações; quanto menor o nível de abstração e maior a proximidade com a complexidade do real concreto, maior o volume de inversões e mistificações a respeito da contradição originada na relação entre capital e trabalho. Por mais que a totalidade do capital seja ocultada neste processo, é através deste modo de representação capitalista que as formas mais simples – de maior nível de abstração – se concretizam e podem ser efetivamente percebidas. Um exemplo mais evidente disso é o conjunto de abstrações que se atravessam e são necessárias para a produção concreta do mais-valor.

Figura 02: Níveis de abstração a partir do Mais-valor



Fonte: Marx (2013). Elaboração própria.

O mais-valor é o verdadeiro produto social almejado pelo capital, é a fonte de valorização deste último e a substância escondida por detrás da riqueza social no sistema capitalista, é a finalidade das práticas socioespaciais que serve de mediação para a forma capitalista de conceber o trabalho abstrato. Sabe-se que seu pressuposto é a dialética entre capital e trabalho, pois, enquanto excedente da classe capitalista, precisa ser configurada como uma ausência de valor para aqueles que venderam sua capacidade de trabalhar. Ou seja, o trabalhador precisa estar subordinado ao capital durante um determinado período, uma jornada de trabalho, e figurar como parte do próprio processo capitalista de produção, enquanto *capital variável* (Marx, 2013, p. 285-88).

A mensuração do quanto o valor desta mesma varia no decorrer do processo produtivo (taxa do mais-valor) depende, por sua vez, da diferença entre a fração da jornada de trabalho que é necessária para repor o valor da força de trabalho (trabalho necessário) e a duração total da jornada de trabalho. A subtração desta última pela primeira variável social nos remete à um tempo de trabalho excedente, o *mais-trabalho* (Marx, 2013, p.299-304). Lembrando que aquilo que o capital oferece ao trabalhador, por sua jornada de trabalho, equivale a uma determinação social, um equivalente cuja função é reproduzir socialmente estes vendedores em sua capacidade de trabalhar (necessidades biológicas, formativas e culturais), trata-se da racionalidade do *valor da força de trabalho* (Marx, 2013, p. 390-93).

A mensuração monetária referente ao valor pago pela força de trabalho se dá pela forma *salário* (Marx, 2013, p. 605-12) e assim é igualada e incorporada aos demais dispêndios monetários do processo de produção capitalista. Assim como ela, a forma preço dos meios e objetos da produção – materiais auxiliares e matérias-primas – (Marx, 2013, p. 255-63) são trazidas para dentro da planilha dos *custos de produção* do capitalista[8]. Concretiza-se, desta maneira, a origem da ampliação do valor, mas dentro de um processo produtivo que não distingue a fonte do valor e os demais gastos relativos ao capital constante (Marx, 2017, p. 59).

[8] A forma de valor do capital fixo – meios de produção que transferem parcialmente seu valor para a mercadoria final – é contabilizado no custo de produção de modo particular, pois contempla um desgaste mais ou menos linear e cuja reposição necessita de múltiplas rotações do capital (Marx, 2014, p. 239-65; 2017, p. 58).

Diferente da taxa de mais-valor, calculada na relação com o adiantamento do valor da força de trabalho e sua proporção com o valor do capital constante, formando uma dada composição orgânica, a *taxa de lucro* aparece na prática como uma relação entre o adiantamento total do capital e o que ele obtém de retorno após uma ou mais rotações de seu capital. Como se refere a um nível de abstração mais complexo e atravessado por múltiplas determinações, a forma preço passa a contabilizar também possíveis variações de preço dos componentes do capital constante – próprios do movimento entre oferta e demanda. Assim, elabora-se uma mistificação prática, em que "[...] permanece misterioso de onde provém esse excedente, se da exploração do trabalho no processo de produção, da vantagem obtida sobre os compradores no processo de circulação ou de ambas" (Marx, 2017, p. 72).

A conclusão deste processo de apresentação do mais-valor sob a forma lucro é o que a prática social concretiza e representa enquanto nível mais complexos da mistificação da totalidade social e da respectiva contradição entre capital e trabalho. Seu potencial de ocultação é tamanho que faz parecer para o capitalista que sua fonte de riqueza deriva de processos de circulação, difundindo um modo de representação da sociedade que naturaliza e preserva as práticas sociais que sustentam o capital.

Mesmo em um maior nível de abstração a mistificação já se faz presente (Figura 01). Pois o aparecimento do dinheiro, enquanto equivalente universal, é condição para que se inverta a percepção sobre a origem do valor. Nesta representação, o valor passa a ser prerrogativa do dinheiro, não mais das mercadorias. Ademais, o movimento prático das mistificações se complexificam ainda mais nas interações entre as frações individuais do capital, uma vez que as mesmas se especializam em determinadas funções da produção e da circulação do capital. Em O capital, Livro III, por exemplo, estas formas aparentam uma autonomia em relação aos processos de valorização situados na produção. Contudo, o modo de exposição demonstra o funcionamento das contradições inerentes ao movimento concreto do capital, assinalando a absurdidade de uma expansão capitalista desvinculada das determinações que permeia a produção do mais-valor.

Marx é cauteloso com a exposição das determinações do capital e situou suas implicações, mas só pôde fazê-lo porque houve antes um modo de investigação que ativamente

buscou pelas mesmas. Após criticar o empirismo[9], que opera por imediatismos metodológicos que não questionam o processo social que produz a realidade do investigador, e após confrontar o idealismo[10], que confunde o processo tipicamente científico de apreensão do real com a própria produção do real, Marx chama atenção para a necessidade do movimento constante de ida e de volta do abstrato ao concreto:

> Seria impraticável e falso, portanto, deixar as categorias econômicas sucederem-se umas às outras na sequência em que foram determinantes historicamente. A sua ordem é determinada, ao contrário, pela relação que tem entre si na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que aparece como ordem natural ou da ordem que corresponde ao desenvolvimento histórico. Não se trata da relação que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão de diferentes formas de sociedade. Trata-se, ao contrário, de sua estruturação no interior da moderna sociedade burguesa. [...] Como outro exemplo da posição diferente que as mesmas categoriais ocupam em diferentes estágios de sociedade, uma das últimas formas da sociedade burguesa: as sociedades por ações. Mas aparecem também no início da sociedade burguesa, nas grandes e privilegiadas companhias comerciais detentoras de monopólio (Marx, 2011, p. 60-1).

Tão importante quanto estar ciente dos fundamentos teóricos nos quais se baseiam as incursões de pesquisa (indo do abstrato ao concreto) e questionar a própria produção destes preceitos teóricos (voltando do concreto ao abstrato) é a obtenção de uma compreensão sobre o encadeamento das determinações abstratas que orientam a dimensão social – levando em conta cada momento espaço-temporal da sociedade[11].

O movimento do pensamento de Marx, portanto, difere do operador lógico mais tradicional da ciência convencional, uma vez que se tenta investigar determinações que nem sempre se encontram no plano do sensível mais imediato, mas sim presentes em outro momento espaço-temporal da totalidade social. Ele mobiliza outro operador lógico, distinto

[9] "Parece ser correto começarmos pelo real concreto, pelo pressuposto efetivo, e, portanto, no caso da economia, por exemplo, começarmos pela população, que é o fundamento e o sujeito do ato social de produção como um todo. Considerado de maneira mais rigorosa, entretanto, isso se mostra falso. A população é uma abstração quando deixa de fora, por exemplo, as classes sociais das quais são constituídas. Essas classes, por sua vez, são uma palavra vazia se desconheço os elementos nos quais se baseiam. P. ex., trabalho assalariado, capital etc. […]. Por isso, se eu começasse pela população, esta seria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais precisa, chegaria analiticamente a conceitos cada vez mais simples. […] Na primeira via [do concreto à abstração simples], a representação plena foi volatilizada em uma determinação abstrata" (Marx, 2011, p. 54).

[10] Marx questiona a miragem derivada dessa lógica: "[…] Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que sintetiza-se em si, aprofunda-se em si e movimenta-se a partir de si mesmo, enquanto o método de ascender do abstrato ao concreto, de reproduzi-lo como um concreto mental. Mas de forma alguma é o processo de gênese do próprio concreto" (Marx, 2011, p. 54-5).

[11] É pertinente uma compreensão relacional, pois, "[…] as próprias categoriais mais abstratas, apesar de sua validade para todas as épocas – justamente por causa de sua abstração –, na determinabilidade dessa própria abstração, são igualmente produto de relações históricas e têm sua plena validade só para essas relações e no interior delas" (Marx, 2011, p. 58).

do movimento de indução e dedução[12]. Trata-se da *retrodução*, de caráter aristotélico, e que "[...] consiste na passagem de um acontecimento empírico para o reconhecimento das condições não empíricas sem as quais o acontecimento não se efetivaria" (Bonente; Medeiros, 2021, p. 83). Ou seja, consiste deum movimento lógico de reconhecimento dos pressupostos sociais necessários à manifestação dos processos situados na realidade concreta.

A retrodução é um dos principais recursos lógicos do modo de investigação de Marx e está integralmente presente no movimento de exposição na crítica de *O capital*. Ambos, investigação e exposição, são momentos distintos de um mesmo processo de elaboração crítica do conhecimento. No primeiro, apuram-se as determinações sociais, no segundo, descobre-se a sequência pertinente do encadeamento das contradições dialéticas do capital. Como resultado disto, o autor desenvolveu um discernimento sobre as formas sociais que precisam estar presentes– como dinheiro e mercadoria (Marx, 2011, p.56-8) –para que a sociedade moderna alcance uma reprodução capitalista que se desenvolve.

O método de Marx e a investigação geográfica

Abordar a incorporação do método de Marx na Geografia, vista enquanto ciência, não significa dizer que se trata de algo inédito – sobretudo no Brasil. Uma revisão do pensamento geográfico brasileiro certamente revelaria diferentes interpretações que se basearam, em alguma medida, na perspectiva marxiana[13]. Opta-se aqui, contudo, seguir por outro caminho: a delimitação teórica da possibilidade, a partir das considerações encontradas no método materialista dialético.

Seja qual for a metodologia empregada pela pesquisa geográfica, há uma sociedade que, sendo comandada pelo capital, produz a geografia empiricamente observada e estudada. Como visto anteriormente, o método de Marx não pretende e não se enxerga como um sistema

[12] "Tanto a dedução quanto a indução são operadores lógicos que estabelecem uma conexão entre consequente e antecedente na qual as duas extremidades são situadas no domínio do empírico. No caso da indução, o procedimento extrapola uma determinada experiência empírica para o conjunto de toda experiência possível, pretendendo transitar do singular para o universal (ambos entendidos de forma reducionista, em termos de abrangência da experiência). A dedução, por sua vez, segue o caminho oposto […]" (Bonente; Medeiros, 2021, p. 82).

[13] Uma qualificada síntese do pensamento geográfico marxista brasileiro pode ser visualizada em: *Marx, a geografia e a teoria crítica* (2023), organizado por Alexandrina L. Conceição, Ana Fani A. Carlos, Manoel Fernandes de S. Neto e Rogata S. Del Gaudio.

conceitual centrado em procedimentos de pesquisa específicos delimitados, nem mesmo apresenta concordância com o paradigma da ciência moderna. Não obstante, a desatenção para com o método de Marx faz com que se perca de vista uma leitura propícia de sua obra mais substancial. E o contrário também é verdadeiro, pois sem a apreensão completa dos conteúdos expostos em *O Capital*, não é possível aproveitar amplamente de seu método, nem extrair o máximo das investigações geográficas preocupada com problemas relacionados com a lógica do capital.

O empenho de Neil Smith (1988) em derivar diretamente de uma paisagem particular as categorias da divisão do trabalho entre unidades produtivas, assim como as interações entre os dois setores do capital – produtores de meio de produção e produtores de bens do consumo (Marx, 2014, p. 498-633) –, evita muitas das complexidades que perpassam o movimento de competição entre os capitais individuais e até mesmo a dialética entre trabalho morto e trabalho vivo (Smith, 1988, p. 160-4). Consiste, portanto, de uma abordagem que não dispõem integralmente do método dialético, mas avançava na constatação de que não é possível entender o espaço capitalista sem mobilizar as categorias sociais que fazem o capitalismo funcionar e se aprimorar.

Outra leitura bastante difundida se encontra em David Harvey, particularmente em sua abordagem sobre o capital fixo, quando o mesmo esbarra na impossibilidade de entender a dinâmica do valor presente neste último e o resume ao seu valor de uso, tratando-o como sinônimo de ambiente construído (Harvey, 2006, p. 210-11). Trata-se de uma tarefa ingrata, pois é necessário considerar, antes, que a circulação e realização do valor do capital fixo depende, sobretudo, da competição entre capitalistas por uma melhor posição na apropriação da taxa de lucro (Marx, 2017, p. 177-88). Decerto que Marx trata o desgaste do capital fixo de maneira linear, mas somente para fins de simplificação e aprimoramento de seu modo de exposição. Todavia, para além das imprecisões, o geógrafo britânico avança ao reconhecer os dilemas da circulação de valor por meio de formas do capital que compõem o espaço social.

Tabela 01: As categorias da economia política em Marx e em leituras recorrentes

Categoria	Leitura recorrentes	No método de Marx
Indústria	Processo de produção de base fabril; setor secundário.	Processo de produção de mais-valor através da produção de formas-mercadorias (incluindo construção civil, transporte, determinados serviços).
Circulação	Circulação de mercadorias, transporte enquanto trabalho improdutivo.	Circulação do capital, ciclo D-M...P...M'-D'.
Desenvolvimento	Crescimento econômico; acumulação de riqueza; melhoria das condições de reprodução da classe trabalhadora; solução distributiva.	Intensificação do caráter capitalista da sociedade: por meio de funções e formas mais complexas e alinhadas com a reprodução do capital.

Fonte: Marx (2013; 2014; 2017). Elaboração própria.

O método e suas categorias são apresentados em uma sequência para que assim sejam melhor apropriados pelo leitor, mas somente porque efetivamente ocorrem simultaneamente e sincronicamente enquanto um espaço social concretamente dominado pela lógica do capital. Não há, portanto, processos capitalistas que sejam caracterizados, puramente, por uma ou duas categorias, sem situar a maneira como estas estão sintetizadas e se apresentam conjuntamente com outras no espaço social. Na Tabela 01, exemplifica-se algumas leituras recorrentes sobre algumas das principais categorias presentes em *O Capital* e as comparamos com entendimentos mais propícios ao método de Marx. Isto permite uma melhor visualização de como os níveis de abstração podem evitar simplificações acerca de determinações que são concretamente múltiplas e complexas.

Ao se buscar apenas a incorporação de certos termos marxianos na geografia, deve-se ter cautela com aplicações que deslocam o sentido destas últimas, subtraindo-lhes os sentidos conferidos dentro do modo de apresentação do autor. O mesmo vale para adesões imobilistas, que repetem formulações do autor (Moreira, 2004, p.30), mas subaproveita o potencial do método ao desconsiderar que novas formas e novos conteúdos são adquiridos nos movimentos mais recentemente do capital. A superação de Marx se faz necessária na medida em que o capital, enquanto objeto de estudo, foi superado por sua própria lógica interna. O espaço

investigado pela geografia se encontra repleto de novas mediações práticas do capitalismo. O método, porém, envolve não somente nomeá-las, mas entende-las enquanto continuidade e transformação dentro do encadeamento que sustenta a totalidade do capital.

As inovações capitalistas ocorrem no âmbito da prática socioespacial, pois suas abstrações existem concretamente num espaço-tempo determinado. Sua totalidade social, por conseguinte, depende da integração entre os múltiplos espaços que compõem o movimento global de um mercado comandado pela produção, circulação e distribuição do mais-valor. Isto significa que a reprodução e o desenvolvimento da abstração capitalista são necessariamente oriundos de processos performados espacialmente e em sociedade. Como foi visto, as categorias da economia política se articulam para viabilizar a apropriação do mais-valor por meio de um lucro obtido no referido mercado. Todavia, a sentença anterior só ocorre quando o espaço é mobilizado (Alvarez, 2019, p. 498-504) entorno do encontro social que viabiliza a equivalência e a valorização.

Ao restringir as categorias do método de Marx à formas concretas que o capitalismo adquiriu na época de sua investigação, dilui-se o sentido relacional defendido pelo autor em seu modo de exposição. Assim, corre-se o risco, por exemplo, de se entender indústria, circulação e desenvolvimento (Tabela 01) como fenômenos estritamente históricos e empirista, empobrecendo a capacidade de reconhece-los em suas formas contemporâneas. A investigação desenvolvida pela geografia, quando circunscritas apenas às particularidades e características mais imediatas de certos espaços, perfaz o mesmo caminho de subutilização do materialismo dialético. Do mesmo modo, também se perde a possibilidade de compreender como a prática social oculta os conteúdos que a mesma adquire na relação com a totalidade do capital.

O caráter mistificador da representação capitalista cumpre um papel decisivo: a mistificação das contradições sociais que o constitui. Isto ocorre, por sua vez, no cotidiano da população que vive em contato com as mediações sociais adotadas enquanto lógica de mercado. O espaço social, no entanto, evidencia as nuances das contradições capitalistas, ainda que estas últimas sejam representadas a partir de inversões que dissimulam o não entendimento das determinações que movem a totalidade social. Neste *espaço contraditório* (Lefebvre, 2013,

p.365-373), as mediações sociais não são reproduzidas casualmente, uma vez que suas características concretas influenciam diretamente as dinâmicas abstratas do capital. A localização das referidas mediações, por sua vez, torna-se crucial para os processos de acumulação, produzindo um espaço propício para a lógica da economia política.

O espaço contempla uma possibilidade de compreensão da localização das práticas cotidianas a partir dos processos sociais que as orientam. No entanto, é pertinente considerar a contribuição de Henri Lefebvre (2013), ao argumentar que o espaço não é um mero reflexo dos conteúdos sociais, ou uma dimensão existencial dos sujeitos e objetos, mas resguarda conteúdos próprios e específicos. Neste sentido, considera-se a existência de contradições do espaço, pois a mediação social que explicaria a localização das coisas não progride sem a identificação da produção do espaço que lhe situa. Para exemplificar melhora argumentação, observemos como o autor francês aborda uma complexa contradição do espacial que promove a urbanização capitalista:

> Pois simplesmente a centralidade se pretende total. Implícita ou não, anseia definir uma racionalidade superior, político-estatal, "urbana". A qual tratam de justificar posteriormente os agentes da tecnoestrutura, os planejadores. Ao fazê-lo, demonstram seu desprezo pela dialética; a centralidade desse tipo expulsa os elementos periféricos com uma violência inerente ao próprio espaço. A centralidade, ou melhor, a centralização, pretende-se e se postula como "totalizante", sendo menos filosofia que uma estratégia — consciente ou não. Que se pese as tendências adversas, algumas subversivas, outras toleradas (sob distintos nomes: flexibilidade, liberalização), o centro condensa as riquezas, os meios de ação, os conhecimentos, a informação, a "cultura" (Lefebvre, 2013, p. 366-367, tradução nossa).

A contradição centralidade e periferia, salientada por Lefebvre, corresponde a uma relação de dialética do espaço, que se postula enquanto movimento direcionado pela integração com a totalidade social. Ou seja, é possível investigar e reconhecer as determinações espaciais do desenvolvimento capitalista, apreendendo como sua reprodução confere conteúdos específicos ao espaço social e realiza concretamente as abstrações do capital. Os geógrafos, tradicionalmente, debruçaram-se sobre a superfície terrestre para observar os fenômenos que ocorrem sobre a mesma (Brunhes, 1962, p. 25) e se empenharam na observação da relação entre sociedades e natureza. Todavia, é apenas a partir da década de 1970 que a investigação geográfica adentra discussões aprofundadas sobre o espaço, seja para constituir um objeto particular desta ciência (Santos, 2004, p. 143-153), seja para reconhecer como o espaço é dominado pela abstração concreta da mercadoria (Carlos, 2014).

O que os geógrafos elencaram enquanto problema de pesquisa – delimitam enquanto objeto de investigação e apreendem por procedimentos metodológicos – pode estar, no entanto, em maior ou menor nível, dominado pelas mediações capitalistas. O método da geografia, todavia, constantemente enfrenta dificuldades no reconhecimento das abstrações concretas e suas respectivas dinâmicas. O método de Marx busca evidenciar sobretudo as abstrações dentro de um movimento de síntese que elabora uma complexidade social comandada pelas formas do capital, assim como pela percepção invertida das práticas sociais em questão.

A apropriação do materialismo dialético pela investigação geográfica contribui, portanto, para: a) distinguir quais encadeamentos da abstração capitalistas podem auxiliar no entendimento sobre o problema de pesquisa; b) identificar os novos conteúdos praticados na reprodução socioespacial do capital; c) desenvolver as categoriais da investigação geográfica a partir de como a determinações capitalistas atuam e subordinam a realidade vivida. A própria categoria de *produção do espaço*, a título de exemplo, deriva desse desenvolvimento do método de Marx a partir da geografia, sendo o espaço um "[...] movimento ininterrupto que o define enquanto condição, meio e produto da reprodução social" (Carlos, 2021, p. 24). Assim, o espaço pode ser compreendido enquanto sucessivos e simultâneos momentos do processo de reprodução que busca recompor a subordinação ao capital.

Considerações finais

Pode-se afirmar que o método de Marx é inacabado, não somente pela condição na qual se encontrou a redação final de *O capital*, mas, sobretudo, porque a problemática de seu objeto investigado ainda se encontram inacabado. Pois, para se reproduzir, o capital precisou incorporar novos conteúdos em suas estratégias e, com isto, desenvolveu e inaugurou outras determinações no encadeamento de suas abstrações concretas. Cabe aos geógrafos, portanto, decidir sua participação na investigação e exposição dessas novas complexidades, adquiridas enquanto prática socioespacial capitalista, por meio de processos de pesquisa em contextos espaço-temporais específicos.

Os conceitos da geografia, assim como qualquer em qualquer matriz teórica, devem ser constantemente testados durante os processos de investigação, uma vez que suas contribuições, mobilizando o materialismo dialético, precisam derivar da realidade concreta. Para que um conceito possa contribuir efetivamente com a exposição dialética das determinações capitalistas, faz-se necessário que este transite de mero mecanismos de compreensão do real para um mecanismo concreto de subordinação do espaço concreto aos ditames das contradições capitalistas. É por este método que os geógrafos podem descobrir não somente o espaço-tempo das práticas que reproduzem a totalidade social abordada, mas também explicações para suas correlações, localizações e conteúdos.

O espaço da totalidade do capital, na época em que Marx escreveu sua crítica da economia política, certamente correspondeu a uma porção muito menor do planeta, quando comparamos com sua dimensão atual. A investigação geográfica, no entanto, frequentemente reparte, metodologicamente, o espaço para obter respostas para seus problemas de pesquisa. Dado que a realidade concreta da totalidade do capital se reproduz globalmente, é esperado que nem todas as suas abstrações se manifestem integralmente na escala espacial estudada pelos geógrafos. Por se tratar de uma prática social abstrata, porém necessariamente concreta, o espaço investigado pela geografia contempla a possibilidade de se observar inovações que não estão circunscritas à uma questão tão somente particular, mas também global.

Da globalidade depende a distribuição da mais-valia apropriada pelo capital desde o momento da produção, cujo movimento de compensação conforma uma hierarquia entre capitais que formam o lucro médio (Marx, 2017, p. 177-246). Deste último, ademais, dependem a forma dos juros (Marx, 2017, p. 385-500) e da renda fundiária (Marx, 2017, p. 675-841). O que se é feito, pelas mediações capitalistas, com o espaço social, portanto, versa sobretudo sobre redefinições nas estratégias dos capitais individuais. Pois, do contrário, sua taxa de lucro e situação dentro do processo que resulta na totalidade capitalista pode resultar em falência e centralização por parte de outros capitais. A Geografia é capaz de apurar, simultaneamente, tanto este fenômeno orientado pela lógica concorrencial do lucro médio, quanto a respectiva reprodução de pessoas sujeitadas aos processos de trabalho comandados pelo capital.

Assim como o capital consiste de uma síntese de múltiplas abstrações, o método do materialismo dialético a partir da investigação geográfica permite considerá-lo também enquanto síntese de múltiplos espaços. Neste quesito, a produção e reprodução do espaço dialoga diretamente com uma percepção crítica em relação a noção de espaço contingencial, pois questiona a necessidade de entendimento de como os processos socioespaciais fazem as pessoas e os objetos estarem, *aparentemente*, dispostos e organizados sobre uma superfície terrestre. O método de Marx, portanto, contribui para um entendimento da referida dialética que socioespacialmente conformam a realidade.

Referências

ALVAREZ, I. P. A noção de mobilização do espaço em Henri Lefebvre. **GEOUSP –** Espaço e Tempo (Online), v. 23, n. 3, p. 494-505, dez. 2019, ISSN 2179-0892. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/163370. Acesso: 06 set. 2025.

BONENTE, B.; MEDEIROS, J. L. Marx e a crítica da economia política: considerações metodológicas. In: BARRETO, E. S.; MEDEIROS, J. L. Para que leiam **O capital:** interpretações sobre o Livro I. São Paulo: Usina Editorial, 2021. p. 67-114.

BONENTE, B. **Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica**: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista. Niterói: EDUFF, 2016.

BRUNHES, J. **Geografia Humana**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

CARLOS. A. F. A. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP –** Espaço e Tempo. São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014.

CARLOS. A. F. A. Geografia crítica-radical e a teoria social. In: CARLOS, A. F. A.; SANTOS, C. S.; ALVAREZ, I. P. **A geografia urbana crítica**: teoria e método. São Paulo: Contexto, 2018.

CARLOS. A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2021.

DUAYER, M. Marx e a crítica ontológica da sociedade capitalista: crítica à centralidade do trabalho. **Verinotio**, ano XI, n. 22, p. 29-43, 2006.

GRESPAN, J. A dialética do avesso. **Revista Crítica Marxista**. Crítica Marxista, v. 1, n. 14, p. 26-47, 2002.

GRESPAN, J. **Marx e a crítica do modo de representação capitalista**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HARVEY, D. **The limits to capital**. London, New York: Verso, 2006.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

MARX, K. **Grundrisse:** manuscritos econômicos de 1857 - 1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, K. **O capital:** crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOREIRA, R. Marxismo e Geografia (a geograficidade e o diálogo das ontologias). **Revista Geographia**, Niterói, ano 6, n. 11, p. 21-37, 2004.

MUSTO, M. A formação da crítica de Marx à economia política: dos estudos de 1843 aos Grundrisse. **Crítica Marxista**, n. 33, p. 31-65, 2011.

QUAINI, M. **Marxismo e Geografia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: EDUSP, 2004.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

Como citar este artigo:

ALVES, Gabriel Souza. O potencial do materialismo dialético para a pesquisa em Geografia. **Boletim Paulista de Geografia,** São Paulo SP. v. 116, p. 612-634. 2026. DOI: https://doi.org/10.61636/n65wnk82

Recebido em 18 de setembro de 2025

Aceito em 25 de agosto de 2026

Sobre o autor: é Mestre em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e doutorando em Geografia Humana pela USP. Atualmente realiza seu período sanduíche na Innsbruck Universität (UIBK), participando do Arbeitsgruppe Glokale Entwicklung und Nachhaltigkeitsforschung (AGEF) e do GESP (Grupo de Geografia Urbana Crítica Radical).

Financiamento: o presente artigo é parte do processo de pesquisa financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), a nível de Doutorado Regular (nº 2022/10366-1), no Brasil.

Editoração:

Thell Rodrigues

Igor Carlos Feitosa Alencar